

**Juliana Passos de Araújo**



**UMA EXPERIÊNCIA EM ARTES VISUAIS NO ENSINO  
FUNDAMENTAL:**

**MONOTIPIA INSPIRADA EM DEBRET**

**Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Belo Horizonte  
Escola de Belas Artes da UFMG

2015

**Juliana Passos de Araújo**

**UMA EXPERIÊNCIA EM ARTES VISUAIS NO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

**MONOTIPIA INSPIRADA EM DEBRET**

**Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Antônia Dolores Belico  
Soares de Alvarenga

Belo Horizonte  
Escola de Belas Artes da UFMG

2015

Araújo, Juliana Passos de, 1970

Uma experiência em Artes Visuais no Ensino Fundamental: Monotipia inspirada em Debret: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Juliana Passos de Araújo – 2015.

56 f.

Orientadora: Antônia Dolores Belico Soares de Alvarenga

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Alvarenga, Antônia Dolores Belico Soares. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



**Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Escola de Belas Artes**  
**Programa de Pós-Graduação em Artes**  
**Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Monografia intitulada *Uma experiência em Artes Visuais no Ensino Fundamental: Monotipia inspirada em Debret*, de autoria de Juliana Passos de Araújo, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Antônia Dolores Belico Soares de Alvarenga - Orientadora

---

Geraldo Freire Loyola – Membro da Banca

---

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha  
Coordenador do CEEAV  
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço a Deus pela benção de poder realizar essa especialização, a todos os professores, tutores que nos acompanharam, especialmente a minha orientadora Dolores que foi dedicada, ao mesmo tempo objetiva e demonstrou sua sabedoria com tranquilidade, transparência e me conduziu a alcançar os objetivos desse trabalho. Agradeço carinhosamente aos alunos do 5º ano da Escola Municipal Paulo Barbosa, meus queridos alunos artistas.

## **RESUMO**

Este trabalho apresenta inicialmente, uma revisão bibliográfica sobre o histórico da Arte no Brasil, desde a chegada da família real, passando pelos precursores da Arte vindos com a missão francesa dando destaque ao pintor Debret, e chegando ao ensino da Arte na contemporaneidade. A segunda parte diz respeito à elaboração e aplicação empírica de uma sequência de planos de aula de Arte que foram desenvolvidos numa classe de 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Paulo Barbosa, localizada em Formiga, Minas Gerais. Os resultados da realização das aulas serão apresentados por meio de um relatório documentado com fotos do desenvolvimento e das produções.

Palavras Chaves: Arte. Debret. Planos de aula.

## LISTA DE ILUSTRAÇÃO

|  |    |
|--|----|
| Figura 1 - Livro "Um fotógrafo diferente chamado Debret" .....   | 25 |
| Figura 2 - Os alunos Sávio G.E. F. e Vitor Erick A. T. ....  | 30 |
| Figura 3 - Os alunos Arthur M.B. e William G.C.J.....  | 30 |
| Figura 4 - Texto referente à pesquisa da aluna Lívia C.S. ....   | 31 |
| Figura 5 - Painel com os resultados da pesquisa sobre a Missão Francesa e<br>Debret, exposto no pátio da escola .....                                      | 32 |
| Figura 6 - Painel exposto em sala de aula com imagens de obras de Debret e as<br>palavras escritas pelos alunos concluindo a atividade de<br>pesquisa..... | 33 |
| Figura 7 - Livro "Um fotógrafo diferente chamado Debret" - capa .....  | 34 |
| Figura 8 - Livro "Um fotógrafo diferente chamado Debret" , página 31 .....   | 35 |
| Figura 9 - Livro "Um fotógrafo diferente chamado Debret" - parte de trás da capa<br>.....  | 35 |
| Figura 10 - Observação de uma árvore de urucum .....   | 37 |
| Figura 11 - Os alunos em um terreno próximo à escola Paulo Barbosa em busca<br>de terra .....  | 38 |
| Figura 12 - Os alunos Vitor Erick A. T. e Gabriel V. F. S. observando a cal antes<br>da coleta.....  | 38 |
| Figura 13 - Preparo do urucum para fazer a tinta.....  | 39 |
| Figura 14 - Pintura com as tintas naturais .....   | 40 |
| Figura 15 - Pintura com as tintas naturais .....   | 40 |
| Figura 16 - Pintura com as tintas naturais .....   | 41 |
| Figura 17 - Um carro de boi pintado com tinta natural pelo aluno Adriano J.R.J<br>.....  | 41 |
| Figura 18 - Monotipia usando obra de Debret, Ponte de Santa Ifigênia, 1827 ...   | 43 |
| Figura 19 - Monotipia usando a obra de Debret, Auto-retrato, 1834.....   | 43 |
| Figura 20- Monotipia usando a obra de Debret, Paranaguá vista sul a três léguas,<br>1827 .....   | 44 |
| Figura 21 - Monotipia usando a obra de Debret, Negra tabuada vendendo caju,<br>1827 .....  | 44 |
| Figura 22 - Monotipia com recorte de revista. ....   | 45 |
| Figura 23 - Aplicação da técnica de isopor gravura.....  | 46 |

|  |           |
|--|-----------|
| <b>Figura 24 - Aplicação da técnica de isopor gravura.....</b> | <b>46</b> |
| <b>Figura 25 - Aplicação da técnica de isopor gravura.....</b> | <b>47</b> |
| <b>Figura 26 - Aplicação da técnica de isopor gravura.....</b> | <b>47</b> |

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | <b>9</b>  |
| <b>1 SOBRE DEBRET</b> .....  | <b>11</b> |
| 1.1 Falando do ensino da arte no Brasil.....                               | 11        |
| 1.1.1 Trajetória histórica .....   | 11        |
| 1.2 Debret – o artista .....   | 17        |
| 1.3 Técnicas que serão usadas.....   | 17        |
| <b>2 SOBRE A ESCOLA E OS PLANOS DE AULA</b> .....                          | <b>18</b> |
| 2.1 Apresentação da Escola Municipal Paulo Barbosa.....                    | 18        |
| 2.1.2 Identificação .....  | 19        |
| 2.1.3 Histórico.....   | 20        |
| 2.2 Organização pedagógica da escola.....                                  | 21        |
| 2.2.1 Missão .....   | 21        |
| 2.2.2 Composição do currículo .....  | 21        |
| 2.2.3 Desenvolvimento do currículo .....                                   | 22        |
| 2.2.4 Plano curricular .....   | 22        |
| 2.2.5 Prática pedagógica para o desenvolvimento do currículo .....         | 22        |
| 2.2.6 Sobre as turmas do 5º ano .....                                      | 22        |
| 2.3 Desenvolvimento das aulas- roteiro .....                               | 23        |
| 2.3.1 Aula 1 – Estudo teórico.....   | 23        |
| 2.3.1.1 Objetivo .....   | 23        |
| 2.3.1.2 Desenvolvimento.....   | 23        |
| 2.3.2 Aula 2 – Montagem de painel e debate.....                            | 24        |
| 2.3.2.1 Objetivos .....  | 24        |
| 2.3.2.2 Desenvolvimento.....   | 24        |
| 2.3.3 Aula 3 – Apresentação do livro sobre arte.....                       | 24        |
| 2.3.3.1 Objetivo .....   | 24        |
| 2.3.3.2 Desenvolvimento.....   | 25        |
| 2.3.4 Aula 4 – Possibilidades – aula com vídeo sobre Helena da Terra ..... | 25        |
| 2.3.4.1 Objetivo .....   | 25        |
| 2.3.4.2 Desenvolvimento.....   | 26        |
| 2.3.5 Aula 5 – Em busca de materiais .....                                 | 26        |
| 2.3.5.2 Desenvolvimento.....   | 26        |

|         |  |           |
|---------|--|-----------|
| 2.3.6   | Aula 6 – Começam as pinturas .....                                   | 26        |
| 2.3.6.1 | Objetivo .....   | 26        |
| 2.3.6.2 | Desenvolvimento.....   | 27        |
| 2.3.7   | Aula 7 – Conhecendo a monotipia .....                                | 27        |
| 2.3.7.1 | Objetivo .....   | 27        |
| 2.3.7.2 | Desenvolvimento.....   | 27        |
| 2.3.8   | Aula 8 – Fazendo monotipia conforme a técnica do vídeo .....         | 27        |
| 2.3.8.2 | Desenvolvimento.....   | 28        |
| 2.3.9   | Aula 9 – Experimentando o isopor-gravura .....                       | 28        |
| 2.3.9.1 | Objetivo .....   | 28        |
| 2.3.9.2 | Desenvolvimento.....   | 28        |
| 3       | <b>APLICAÇÃO DAS AULAS E RESULTADOS .....</b>                        | <b>29</b> |
| 3.1     | Aula 1 – Estudo teórico.....   | 29        |
| 3.1.1   | Registros.....   | 29        |
| 3.2     | Aula 2 – Montagem de painel e debate.....                            | 32        |
| 3.2.1   | Registros.....   | 32        |
| 3.3     | Aula 3 – Apresentação do livro sobre arte.....                       | 33        |
| 3.3.1   | Registros.....   | 33        |
| 3.4     | Aula 4 – Possibilidades – aula com vídeo sobre Helena da Terra ..... | 36        |
| 3.4.1   | Registros.....   | 36        |
| 3.5     | Aula 5 – Em busca de materiais.....                                  | 37        |
| 3.5.1   | Registros.....   | 37        |
| 3.6     | Aula 6 – Começam as pinturas.....                                    | 39        |
| 3.6.1   | Registros.....   | 39        |
| 3.7     | Aula 7 – Conhecendo a monotipia .....                                | 42        |
| 3.8     | Aula 8 – Fazendo monotipia conforme a técnica do vídeo .....         | 42        |
| 3.8.1   | Registros.....   | 42        |
| 3.9     | Aula 9 – Experimentando o isopor-gravura .....                       | 45        |
| 3.9.1   | Registros.....   | 45        |
|         | <b>CONCLUSÃO .....</b>   | <b>49</b> |
|         | <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>51</b> |

## INTRODUÇÃO

A colonização do Brasil pelos Portugueses teve períodos distintos. Os primeiros anos foram meramente de exploração onde os colonizadores apenas tiraram o que a terra tinha a oferecer. Os índios, nossos primeiros habitantes, foram simplesmente escravizados e tolhidos de seus costumes e também de sua cultura. A arte indígena já existia, porém, não foi valorizada sob nenhum aspecto pelos interesses da época, pois estes eram somente de exploração da terra e bens naturais. Foi somente a partir da elevação da colônia a Reino Unido a Portugal e Algarves que, juntamente com a Família Real, a Arte chega ao nosso país.

No século XIX, os chamados artistas viajantes, aqueles artistas que tinham como ofício, viajar e fazer registros de suas viagens através de pinturas e desenhos, mostrando paisagens, tipos humanos e costumes de um povo, chegam ao Brasil. A pedido de D. João VI e em acordo com o governo francês, a Missão Artística Francesa, chega ao Rio de Janeiro em 1816 trazendo muitos artistas estrangeiros que deveriam fazer registros do cotidiano e dos assuntos inerentes à Família Real e implantar aqui uma instituição de ensino seguidora dos altos padrões europeus, entre eles Jean Baptiste Debret. Inicialmente hostilizados pela elite brasileira e portuguesa no Brasil, os artistas da missão iniciaram seus trabalhos de registrar e ensinar artes e ofícios.

O então artista de pintura histórica e de paisagens torna-se professor na Academia Imperial de Belas Artes. Debret foi responsável por descrições detalhadas da vida social brasileira em suas múltiplas dimensões: a vida na corte, o trabalho escravo, a cidade do Rio de Janeiro, o cotidiano, a família dentre outros.

Muitos dos artistas viajantes em pouco tempo voltavam ao seu país de origem, Debret, portanto, estabeleceu um vínculo mais duradouro com o Brasil. Ao longo de quinze anos, além de suas obras, teve papel de destaque na Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, criada em 1816 e transformada na Academia Imperial de Belas Artes, primeira Instituição de ensino oficial e sistemático da matéria no país. Colaborou no ensino das artes, foi um importante mestre para a pintura brasileira e mesmo enfrentando a resistência local, instaurou o academicismo neoclássico trazido pela Missão o qual predominou até o início do século XX. Debret ajudou a difundir a Arte, além de deixar um legado de obras que retratam a história de um país em construção. Mesmo depois de retornar para a França, o artista continuou a pintar as imagens do Brasil que ficaram gravados em sua mente.

A proposta neste projeto é conhecer suas técnicas e obras a respeito do Brasil e sua contribuição para o ensino de Artes para o país. Sua obra servirá de inspiração para os nove planos de aulas para serem aplicados no quinto ano do fundamental, o relato e registro dessas aplicações.

Essa monografia se divide em 3 capítulos. No primeiro abordaremos o contexto histórico em que o artista Debret esteve inserido na sua trajetória pelo Brasil, no segundo apresentaremos a escola na qual estão inseridas as turmas e os alunos com os quais serão realizados os trabalhos propostos e os planos de aula a serem executados e por último, no terceiro serão apresentados os resultados da aplicação dos mesmos.

## **1 SOBRE DEBRET**

### **1.1 Falando Do Ensino Da Arte No Brasil**

#### **1.1.1 Trajetória histórica**

Ao longo da história da Educação no Brasil a Arte foi compreendida como resultado final de um produto para consumo e não como um processo de produção subjetiva, como materialização de sentimentos e registro de contextos diversos e muitas vezes foram substituídos, fazendo com que a Arte não tivesse seu lugar no pensar, no expressar e no conhecimento.

No ensino da Arte no Brasil, ao longo do tempo, foram adotados diversos métodos, na maioria das vezes importados sem a devida adaptação. Desde a colonização com os jesuítas impondo a separação entre a retórica e a manufatura, fomentando a negação da cultura indígena – passando pelo século XIX – com a negação do barroco em favor do neoclássico – e pelo século XX – com a cópia do modelo americano de imposição de materiais prontos e treinamento de professores que infelizmente ainda perdura até hoje. (PIMENTEL, 2008, p.9).

Na educação a Arte foi concebida por complexas teorias que variaram de acordo com os valores e a época das tendências pedagógicas.

De acordo com Barbosa, “há falta de conhecimento sobre o passado o que está levando os professores – arte-educadores a valorizarem excessivamente o “novo” sem que haja alguma referência teórica capaz de justificar seu uso”. (BARBOSA, 2001, p.33).

É uma pauta que se pode refletir sobre as metodologias do ensino da Arte aplicadas hoje que parecem não acompanhar os movimentos culturais da realidade brasileira que desconecta o fazer da intencionalidade e da fundamentação o que resulta numa Arte sem conhecimento e originalidade. Os processos são negligenciados a partir de então, e reduzem-se a projetos escolares, como um “cópia e cola” automático no fazer, desprezando a experiência e a criatividade do aluno.

O ensino de arte não é linear. Ao se ensinar e aprender Arte é preciso que se assegure continuidade e ruptura, garantindo uma prática artística/pedagógica consistente, responsável e respeitável. [...] O ensino de arte deve ir além da inteligência e da percepção já instituídas. É necessário trabalhar um outro nível de pensamento. (PIMENTEL, 2008, p. 9).

Para melhores reflexões acerca dessa realidade é importante voltar na trajetória da Arte no Brasil. Cronologicamente analisar contextos e objetividades para determinar com mais clareza sobre o caminho percorrido e em que localização a Arte está na contemporaneidade.

Descobrir e refletir sobre essa consciência social e cultural garante que o ensino da Arte possa proporcionar ao aluno condições para que ele reconheça a Arte como uma necessidade básica de sobrevivência para si e para o outro, sendo capaz de conhecer e interagir com sua própria cultura e as pluralidades culturais.

Começando o estudo da História, o início da Arte Educação no Brasil se deu no período do Brasil Colônia. De acordo com Bueno (2008, p.39) a educação no Brasil Colônia de um modo geral era conferida somente aos nobres do Império português. O pensar em Arte naquele período era um privilégio concedido somente aos jovens de alta classe, eles receberiam educação nos moldes da família real.

Com a presença da missão jesuíta, incorporou-se aos objetivos da educação a formação de mão de obra qualificada pois havia uma enorme demanda para atender os serviços mais refinados.

De acordo com Reis

A artificialidade da Arte nesse período foi o grande marco manufatureiro que culminou na importância do fazer como produto final, visto que os valores da Missão Artística Francesa (1816 -1840) eram seguidos a rigor. Uma das exigências da primeira escola de Arte Brasileira, a Academia Imperial de Belas Artes, criada pela Missão Francesa, trazida por dom João VI em 1816 era que o ensino de Arte deveria ser calcado no desenho e principalmente na valorização da cópia fiel de modelos tecnicamente produzidos. (REIS, 2005, p.86).

Os jesuítas, que organizaram o primeiro sistema de ensino formal do Brasil, deixaram profundas marcas da sua intenção de disseminação da fé, dos princípios da Igreja Católica. Por um lado, valorizavam os estudos retóricos e literários, “separavam a exemplo de Platão, as artes liberais dos ofícios manuais e mecânicos, próprios dos trabalhadores escravos”. (BARBOSA, 2006 p.22).

Barbosa afirma

A influência da educação excessivamente literalizante dos jesuítas, a inexistência de indústrias e a ausência da necessidade de trabalho tecnológico, todos esses fatores contribuíram para desvalorizar as atividades manuais e para frustrar as primeiras tentativas de implantação do ensino técnico na primeira metade do século XIX. (BARBOSA, 1985, p.40).

A Academia Imperial de Belas Artes logo após a independência do Brasil em 1822, passou a ser chamada de Escola Nacional de Belas Artes e passou a ter como objetivo a formação de artistas e técnicos pensando na qualificação das pessoas. Essa nova postura da Escola vinha contrapor a tradição Jesuíta que valorizava a Arte voltada para o religioso. Segundo Costa (2004, p. 27) a nova proposta determinava que o ensino deveria assumir ou priorizar a tecnologia e o segundo defendia a ideia da formação do intelecto. Mesmo assim a influência da coroa portuguesa ainda restringia e limitava o desenvolvimento da Arte, pois delimitava seu acesso e suas funções.

Sobre esse contexto Campofiorito afirma

É preciso também lembrar, confirmando a indissolúvel relação da arte com a vida social, que o sistema colonial, ao impedir qualquer desenvolvimento brasileiro que não servisse diretamente aos interesses da metrópole, acabou por limitar a produção artística a certas necessidades mínimas locais, levando a própria pintura a restringir-se à ornamentação das igrejas e aos retratos encomendados pelas irmandades religiosas. (CAMPOFIORITO, 1983, p.15).

Assim toda e qualquer manifestação artística que não seguisse os padrões da coroa Portuguesa não era reconhecida.

A chegada de Dom João VI ao Brasil e, em seguida a Missão Francesa, trouxe marcas profundas nas referências estéticas do país, com a substituição do Barroco brasileiro pelo Neoclassicismo. Joachim Lebreton, egresso do Instituto de França, liderou o grupo de artistas franceses que chegou ao Rio de Janeiro em março de 1816 para organizar o ensino de Belas Artes.

A Missão Francesa estabeleceu na Arte do Brasil um estilo e uma fundamentação de formação neoclássica, e no âmbito da artificialidade uma vez que valorizava a cópia, a perfeição da realidade visual, e marcando dessa forma e com esses valores o início do ensino oficial de Belas Artes no território brasileiro.

Martins afirma

Uma referência importante para a compreensão do ensino de arte no Brasil é a célebre Missão Artística Francesa trazida em 1816, por Dom João VI. Foi criada então a Academia Imperial de Belas-Artes, que após a proclamação da República passou a ser chamada de Escola Nacional de Belas Artes. O ponto forte dessa escola era o desenho, com a valorização da cópia fiel e a utilização de modelos europeus. (MARTINS, 1998, p.10).

Foi a partir de 1920 que a Arte foi incluída no currículo escolar. Não como uma disciplina matriz, mas como atividade integrativa, junto com outras disciplinas e ainda mantendo os exercícios de cópia.

A arte Brasileira firmava a influência no desenho da cópia fiel, que foi estabelecida da metade do século XIX até praticamente a Semana da Arte Moderna em 1922. Na semana da Arte Moderna, a arte brasileira vem romper esses padrões tanto nos quesitos técnica, quanto na subjetividade, na criação e na livre expressão.

Segundo Amaral,

Um dos objetivos da Semana de Arte Moderna nas palavras de Oswald de Andrade, que foi um dos intelectuais mentores da semana, foi que todo artista buscasse a sua liberdade de expressão e defendesse como ele mesmo galhardo veemência contra o “passadismo” a ignóbil orientação artística de uma crítica insubmissa, sendo favorável à procura de novas vivências em que o talento, os aromas sonoros de desconhecidos jardins florescidos representassem a ressurreição da Arte. (AMARAL, 1998, p.198).

Os modernistas entendiam a Arte como uma “Inspiração à liberdade”, posição que vinha se opor ao “passadismo” acadêmico que fora instituído pela Missão Artística Francesa que trazia um modelo europeu e o impunha sobre as manifestações artísticas no país.

O que nós poetas, músicos, pintores e arquitetos desejamos, é criar o nosso ritmo pessoal, é transmitir a nossa harmonia interior. Cada um de nós é um instrumento por onde passa a corrente da vida. Não queremos regras nem admitimos preconceitos. (BANDEIRA, 1954, p. 140 -1 apud AMARAL, 1998, p.127).

Ainda no início do século XX, a Arte era aplicada à indústria, e era uma técnica para melhorar os produtos. Dessa forma nas escolas dava-se ênfase ao ensino do desenho geométrico.

De acordo com Costa,

O Modernismo que se caracterizou pelo desejo da novidade buscou a renovação da Arte nas manifestações populares, sua fonte de energia criativa, por acreditar que as convenções sociais preestabelecidas não atingiriam formas de ser e estar no mundo principalmente na escola. (COSTA, 2004, p.72).

Mas é certo afirmar que tanto a Missão Francesa no Brasil, a semana de Arte Moderna e as Escolinhas de Arte espalhadas por todo Brasil, foram determinantes e pontos de formação da cultura e do patrimônio artístico no Brasil, cada uma a seu modo construindo e desconstruindo a realidade artística, seu contexto e sua história que reflete até os dias de hoje.

As Escolinhas de Arte no Brasil surgiram influenciadas pelo ideal do movimento Escola Nova, e inspirada pelas ideias de Herbert Read que havia publicado o livro “Educação pela Arte”. E outros livros como “Desenvolvimento da Capacidade Criadora” de Viktor Lowenfeld e W. L. Brittain. Esses autores estimularam o artista e professor Augusto Rodrigues que criou a importante Escolinha de Arte do Brasil, na cidade do Rio de Janeiro.

O objetivo da Escolinha era desenvolver expressões artísticas como dança, pintura, teatro, desenho, poesia com crianças e adolescentes. Para a Arte Educação essa iniciativa foi muito importante para o contexto do Ensino de Artes no Brasil. A partir dela surgiram outras escolas que estabeleceram o ensino de Arte com técnicas e materiais inovadores. Em 1943, em Belo Horizonte, foi criada a escola Guignard que também não é convencional, (denomina-se convencional a escola regular que apresenta todas as disciplinas, e não convencional as escolas de ensino livre de Arte) e as escolas Waldorf.

A Pedagogia Waldorf é uma abordagem pedagógica baseada na filosofia da educação do filósofo alemão Rudolf Steiner, fundador da antroposofia. A pedagogia procura integrar de maneira holística o desenvolvimento físico, espiritual, intelectual e artístico dos alunos. O objetivo é desenvolver indivíduos livres, integrados, socialmente competentes e moralmente responsáveis. As escolas e professores possuem grande autonomia para determinar o currículo, metodologia e governança. (WIKIPÉDIA).

Essas escolas trabalham uma pedagogia com programas de Arte voltados às inquietações entre o desenvolvimento da criação e a experiência.

Até o início da década de 1970, a educação brasileira ainda passou pela fase da Pedagogia Nova, que tinha como ênfase a livre expressão e pela Pedagogia Tecnicista quando aluno e professor se tornam secundários aos conteúdos. Nessa fase o ensino da Arte tinha foco no experimentar tanto em aspectos técnicos quanto em materiais sem muito a valorização do conhecimento da linguagem da Arte e sem vinculação histórica. (Barbosa, 2008, p.6)

Para Reis pode-se distinguir e caracterizar três momentos singulares que deram origem a conceitos fundamentais de Arte educação

A década de 1940, na qual despontou internacionalmente o Movimento Educação através da Arte liderado por Hebert Read; o período compreendido entre os anos 1960 e 70, palco do surgimento do Movimento Arte-Educação nos Estados Unidos, marcado por intensa revisão crítica dos conceitos de "arte infantil" e "livre expressão" defendidos por Read; e o período de amadurecimento, compreendido entre os anos 1980 e 90, no qual os princípios e propostas da Arte-Educação se abrem para uma visão mais genérica dos problemas da arte e da formação do indivíduo e, sendo assimilada institucionalmente, assume a denominação de ensino de arte. (REIS, 2005, p.105).

De acordo com Barbosa (1985), foi depois da aprovação da Lei nº 5692/71 que tornou obrigatória a Educação Artística no Brasil nos ensinos de 1º e 2º graus, é que aumentaram os interesses pelos cursos sobre Artes.

Criou-se a partir daí várias correntes que estabeleciam diferentes pilares que norteassem o ensino. Os conceitos baseados em fazer e perceber, Ana Mae Barbosa com a abordagem triangular, a teoria de Pareyson fundamentada na concepção estética do processo artístico entre o fazer o conhecer e o exprimir na inter-relação simultânea com a Arte (BARBOSA, 1985, p. 84-89; 1999, p.34-43;1988, p.13-32).

Pode-se concluir que apesar de muitos esforços e dedicação no sentido de formular uma metodologia para o Ensino de Arte reforçada pelos PCNs, na atuação dos artistas, pesquisadores, e teóricos, a Arte ainda passa por caminhos desconectados com a realidade que parte da produção, fruição e reflexão.

A arte precisa assumir seu lugar como expressão legítima do ser humano. Precisa ser uma possibilidade de ser compreendida como ponto de partida estética e como criação subjetiva capaz de agregar meios corporais e não corporais, instrumentos, materiais, conhecimentos, sentimentos.

## 1.2 Debret – O artista

Na missão francesa pode-se destacar o Artista Jean Baptiste Debret (1768-1848) que retratou em sua obra, por meio da pintura todos os acontecimentos cotidianos do período colonial brasileiro seguindo sua tradição.

Em estilo neoclássico Debret apresenta uma obra que registra a realidade do seu contexto pois mostra imagens do sofrimento dos escravos, detalha como era o cotidiano da população nas ruas, como eram suas casas. Conferiu à obra uma atenção documental aos índios. Foi um artista atento às questões da sociedade no período colonial. (WILLIANS, 2001, p.169).

A imagem do Brasil passa pelas mãos de Debret. Para classificá-lo sob muitos aspectos de uma forma simplista pode-se denominá-lo escravagista, neoclássico, pré-romântico, ou qualquer outro rótulo. Debret foi um artista sensível às questões sociais, e um olhar peculiar ao humano e a natureza.

Debret não era abolicionista, nem um voyeur sádico. A maioria das cenas pintadas por Debret, incluindo cenas representando escravos, capturam momentos de paz e sociabilidade, não conflito. Em comparação com outros europeus que viajaram pela América Latina no século XIX [...] Debret não era particularmente propenso à fantasia ou exagero. (WILLIANS, 2001, p.168).

Seu acervo de imagens sobre o país é enorme, com cerca de 1000 obras a maioria aquarelas e desenhos das quais 220 compõem o livro.

Seu livro foi dividido em três volumes, o primeiro editado em 1834, trata exclusivamente dos indígenas, o segundo com data de 1835 figura o cotidiano nas ruas do Rio de Janeiro e a vida dos escravos, e o terceiro de 1839 traz imagens sobre a vida política e religiosa na corte com destaque para a monarquia.

Composto por gravuras além de textos explicativos, o livro de Debret apresenta um país de contrastes, mas que de acordo com sua visão a partir da maior aproximação com a civilização francesa seria um país promissor, “um país do futuro”.

## 1.3 Técnicas que serão usadas

A escolha do artista Debret para o desenvolvimento deste trabalho se deu principalmente pelo fato de poder estudar cenas do Brasil, da História, dos fatos, das pessoas, dos costumes e do cotidiano a partir de uma abordagem artística diferenciada da abordagem simplesmente histórica a que geralmente os alunos têm acesso.

A proposta de estudo em sala de aula é de se ter o conhecimento mais próximo do artista, de suas obras mais importantes, as que são registros únicos de feitos históricos marcantes no Brasil. Isso se dará por meio de pesquisas e aulas expositivas com uso de imagens.

É importante que o aluno também tenha conhecimento sobre a fase a que pertence Debret e onde se localiza na linha de tempo da “História da Arte”.

É objetivo dessa metodologia utilizada, despertar os alunos para analisar o contraste que se apresenta a partir da grandiosidade retratada na obra pelos registros históricos e grandes feitos e também para a simplicidade presente nas obras pitorescas que retratam o cotidiano, as ruas, os escravos, a natureza. O contexto verdadeiro do período histórico do Brasil Colônia.

Este estudo traz também a proposta de registro da mesma forma que o artista o fez, com cenas do cotidiano e da natureza, como uma maneira capaz de proporcionar ao aluno essa contextualização entre o olhar do pintor e o seu próprio olhar na contemporaneidade assim propiciar a oportunidade de expressar o seu modo de ver o Brasil de agora e ir de encontro com o artista viajante que trouxe na bagagem a mesma significação.

As técnicas que serão usadas na sala de aula foram aprendidas dentro do Curso de especialização do ensino de Artes Visuais. Serão: Monotipia, Desenho, e pintura com tintas naturais, com ênfase à Monotipia por se tratar de uma técnica totalmente nova para os alunos e que certamente despertará grande interesse. As atividades trazem a proposta de serem executadas em diversos ambientes, inclusive por tratarem do contexto cotidiano e da natureza que serão pesquisados com abordagem teórica.

## **2 SOBRE A ESCOLA E OS PLANOS DE AULA**

### **2.1 Apresentação da Escola Municipal Paulo Barbosa**

A escola atende alunos do 1º período da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Junto à equipe administrativa e pedagógica da escola somam-se os anseios prévios da comunidade escolar e da Secretaria Municipal de Educação que juntas, traçam os requisitos necessários ao gerenciamento das atividades da escola.

### **2.1.2 Identificação**

Nome: Escola Municipal Paulo Barbosa

Endereço: Hermínio Pio da Silva, 627 – Bairro: Vila Nirmatele

Telefone: (37) 3322-5454

Cidade: Formiga – MG

Funcionamento: 07:00 às 11:15 h e 13:00 às 17:15 h

Data e ato de criação: Portaria: 975/1992, parecer C.E.E. nº 727 de 20 de outubro de 1992.

Níveis de ensino: Educação Infantil (1º e 2º Período)

Ensino Fundamental – Anos Iniciais (1º ao 5º ano).

NÚMERO DE ALUNOS: 384

PROFISSIONAIS DA ESCOLA:

Número de profissionais = 40

18 professores

01 professora eventual

01 professora do Programa Mais Educação

01 bibliotecária

01 oficial administrativo

06 cantineiras

02 cantineiras em desvio de função

01 zelador

02 coordenadoras pedagógicas

01 diretora

01 professor de educação física

03 professores de apoio

02 rondas

### **2.1.3 Histórico**

Esta escola surgiu da necessidade de construir um estabelecimento que atendesse os alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental, na cidade de Formiga, no bairro Vila Nirmatele e bairros adjacentes, constatado a distância das escolas existentes.

A prefeitura inaugurou a escola no dia 5 de junho de 1992 atendendo alunos do Ensino Fundamental dos anos iniciais e Educação Infantil.

Os professores são habilitados e submetidos a concurso público para exercerem a função atribuída. Participam do Módulo II e reuniões de formação, e em oportunidades ocasionais, de seminários e cursos de capacitação. Utilizam recursos didático-pedagógicos existentes na escola e outros os adequando às reais necessidades do aluno. Mantêm bom relacionamento com alunos, pais e com os demais profissionais da escola.

A família participa de conselhos de classe, reuniões, eventos e comemorações na escola, porém, ainda falta acompanhamento efetivo de alguns pais no processo ensino-aprendizagem. A maioria sempre responde aos chamados da escola nas necessidades de seus filhos.

## **2.2 Organização pedagógica da escola**

### **2.2.1 Missão**

A escola tem por missão:

- Assegurar um ensino de qualidade oferecendo ao aluno condições para que ele desenvolva suas habilidades motoras, de raciocínio, interpretação, comunicação, produção, expressão artística, experimentações, oralidade e escrita.
- Desenvolver o conhecimento valorizando os aspectos socioculturais brasileiros, regionais e de outros povos.
- Levar o aluno a conhecer e cuidar do próprio corpo e do ambiente onde vive, tendo atitudes de higiene e de preservação do meio ambiente.
- Utilizar recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos.
- Trabalhar os valores que levam ao respeito mútuo, em uma perspectiva inclusiva.

### **2.2.2 Composição do Currículo**

O currículo é composto pelos componentes obrigatórios da Base Nacional Comum: Português, Matemática, Geografia, História, Ciências da Natureza, Arte, Educação Física, Ensino Religioso e pela Parte Diversificada: Literatura, Redação, Educação Ambiental, além dos temas transversais relativos à saúde, sexualidade e gênero, vida familiar e social, direito das crianças e adolescentes, direito dos idosos, educação em direitos humanos, educação para o consumo, educação para o trânsito, educação fiscal, trabalho, ciências e tecnologia, diversidade cultural, prevenção às drogas, higiene bucal, educação alimentar e nutricional, educação turística, história do município de Formiga, história e cultura afro-brasileira e indígena.

### **2.2.3 Desenvolvimento do Currículo**

O desenvolvimento do Currículo deu-se através de projetos elaborados pela escola, o uso do livro didático, uso do laboratório de informática, a biblioteca, excursões e outros recursos.

### **2.2.4 Plano Curricular**

O Plano Curricular que foi oferecido pela escola teve a cooperação entre docentes, discentes e pais.

### **2.2.5 Prática Pedagógica para o Desenvolvimento do Currículo**

A prática pedagógica foi exercida através de aulas expositivas, jogos, feiras, participação em concursos e campeonatos, eventos cívicos, culturais e projetos interdisciplinares.

A verificação do desempenho escolar deu-se através de avaliações periódicas realizadas pelo professor, em conjunto com toda equipe pedagógica.

### **2.2.6 Sobre as turmas do 5º ano**

As atividades de que tratou este projeto foram realizadas com os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental da citada escola. São crianças com a faixa etária entre 09 e 11 anos, distribuídos em duas turmas, com 22 alunos em cada, sendo 04 meninas, e 18 meninos em ambas. Em uma turma há um aluno autista e com professora de apoio e na outra, dois alunos também com necessidades especiais, mas sem acompanhamento especializado.

São alunos de classe média baixa a média. Boa parte das famílias participa da vida escolar dos filhos. São crianças como outras do século XXI, totalmente absorvidas pelo mundo da tecnologia, mas que gostam muito de se envolver nos trabalhos manuais propostos na escola.

A boa disciplina favoreceu um trabalho diferenciado na sala de aula. Os alunos demonstraram grande interesse pelas aulas de Arte embora alguns deles não

se considerassem capazes de realizar bem as atividades artísticas, uns por terem uma baixa autoestima outros por serem bastante tímidos.

São crianças com grande potencial e que mereceram ser despertadas para a Arte, pois surpreenderam a si mesmas e aos que as cercam.

## **2.3 Desenvolvimento das aulas- roteiro**

### **2.3.1 Aula 1 – Estudo teórico**

#### **2.3.1.1 Objetivo**

Trazer embasamento teórico sobre a chegada da família real no Brasil, Missão francesa e o artista Debret.

#### **2.3.1.2 Desenvolvimento**

As crianças estudaram o fato histórico da chegada da família real no Brasil, e junto com ela a vinda da Missão Francesa. Esse primeiro momento foi interdisciplinar com a aula de história. Depois da aula expositiva os alunos foram encaminhados até o laboratório de Informática e fizeram pesquisas na internet sobre a Missão Francesa e o artista Debret (Livro: História 5º ano, Autores: Rosemeire Alves e Maria Eugênia Bellusci, Editora Scipione, 3ª edição São Paulo, 2012; páginas 88 e 89).

O resultado da pesquisa ficou exposto em um painel fora da sala de aula para apreciação de todos os alunos da escola.

## **2.3.2 Aula 2 – Montagem de painel e debate**

### **2.3.2.1 Objetivos**

Montar um painel para demonstração do estudo realizado sobre a Missão Francesa e Jean Baptiste Debret para as outras classes da escola. Debate para os alunos se expressarem sobre os principais tópicos da pesquisa.

### **2.3.2.2 Desenvolvimento**

Os alunos montaram um painel na entrada da escola, onde puderam expor de forma sintética, o que foi a Missão Francesa e a biografia do artista.

Na sala de aula, alguns alunos foram escolhidos para expor aos demais colegas as informações selecionadas e tiveram ainda a oportunidade de se manifestarem sobre o trabalho realizado e sobre as principais características observadas nas obras a que tiveram acesso. Foi proposto que expressassem seus sentimentos com relação às informações adquiridas durante a realização pesquisa com apenas uma palavra.

## **2.3.3 Aula 3 – Apresentação do Livro sobre Arte**

### **2.3.3.1 Objetivo**

Estimular os alunos para a experimentação e utilização de técnicas artísticas poucos comuns na sala de aula.

### 2.3.3.2 Desenvolvimento

Foi apresentado aos alunos o livro “Um fotógrafo chamado Debret”

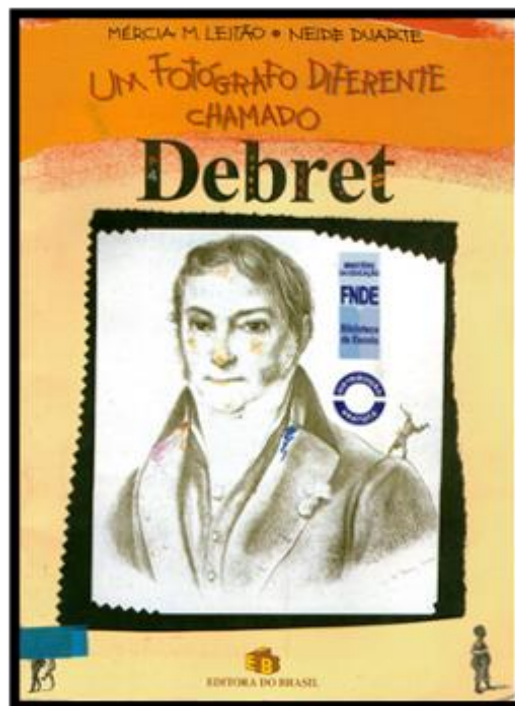


Figura 1 – Livro "Um fotógrafo diferente chamado Debret"<sup>1</sup>

e a partir dele várias reflexões foram feitas envolvendo o artista, algumas de suas produções, as diferentes formas de ver e fazer Arte e as possibilidades da ampliação dessas ideias e conceitos. Pretendeu-se que os alunos se sentissem cada vez mais estimulados a desenvolverem as práticas que seriam propostas utilizando tintas naturais, o isopor gravura e a monotipia.

### 2.3.4 Aula 4 – Possibilidades – Aula com vídeo sobre Helena da terra

#### 2.3.4.1 Objetivo

Mostrar aos alunos por meio da exibição de um documentário, um pouco da trajetória artística de Helena da Terra especificamente no que se refere ao uso de

---

<sup>1</sup> Todas os registros fotográficos deste trabalho são de autoria da pesquisadora.

tintas naturais em suas pinturas, uma vez que essa artista foi obrigada a parar de pintar com as tintas industrializadas por ordem médica.

Abrir uma reflexão sobre a possibilidade do trabalho com a terra e outros produtos naturais que podem substituir as tintas industrializadas e mostrar como podemos produzir belos trabalhos a partir desses elementos.

#### **2.3.4.2 Desenvolvimento**

Na sala de vídeo os alunos assistiram ao documentário sobre “Helena da Terra” (<https://arteterracor.wordpress.com/helena-da-terra/>), o qual trouxe um pouco da história da artista, os motivos que a levaram a continuar desenvolvendo seus trabalhos artísticos utilizando as tintas naturais. Puderam apreciar algumas das técnicas usadas por elas.

#### **2.3.5 Aula 5 – Em busca de materiais**

##### **2.3.5.1 Objetivo**

Estimular os alunos a buscarem materiais para utilizarem em suas pinturas.

##### **2.3.5.2 Desenvolvimento**

Os alunos, após conhecerem sobre as possibilidades de se “fabricar” sua própria tinta, saíram em busca de matéria prima para montarem sua paleta de cores. No entorno da escola colheram urucum, várias amostras de tom de terra e voltaram para a escola para produzirem seus pigmentos.

#### **2.3.6 Aula 6 – Começam as pinturas**

##### **2.3.6.1 Objetivo**

Fazer com que os alunos experimentem a pintura com as tintas naturais feitas por eles mesmos com criatividade e procurando aplicar técnicas próprias.

Estimular a criação de trabalhos que reflitam a visão de mundo de cada um sem deixar de fazer alusão às pinturas realizadas por Debret.

### **2.3.6.2 Desenvolvimento**

Os alunos realizaram as pinturas, procurando temas de seu cotidiano ou de seu entorno como Debret também fazia. As obras do artista foram novamente lembradas com o intuito de levar os alunos a abstraírem delas uma essência. Foram estimulados a irem além do que estavam vendo nas telas e assim observarem a realidade que os cerca pintando o que está perto, o que pertence ao seu cotidiano.

### **2.3.7 Aula 7 – Conhecendo a monotipia**

#### **2.3.7.1 Objetivo**

Apresentar aos alunos uma técnica diferenciada de gravura: a monotipia.

#### **2.3.7.2 Desenvolvimento**

Os alunos foram encaminhados para a sala de vídeo onde assistiram ao filme da plataforma do Curso de Especialização no Ensino de Artes Visuais da UFMG, disponível no endereço eletrônico (<https://virtual.ufmg.br/20142/course/view.php?id=2140>), sobre monotipia e o acabamento destes trabalhos para que soubessem como executar a técnica.

### **2.3.8 Aula 8 – Fazendo monotipia conforme a técnica do vídeo**

#### **2.3.8.1 Objetivo**

Experimentar a técnica ensinada no vídeo da Plataforma do Curso de Artes Visuais da UFMG e descobrir como acontece o processo vivenciando-o.

### **2.3.8.2 Desenvolvimento**

Em uma aula no espaço de Arte os educandos puderam fazer o passo a passo da técnica de monotipia, produzindo suas gravuras, hora direcionada com imagens das telas de Debret, hora de forma mais livre escolhendo sua gravura, mas sempre relacionada ao Brasil.

Foram orientados quanto à disposição das folhas de papel para que produzissem o acabamento nos trabalhos.

### **2.3.9 Aula 9 – Experimentando o Isopor-gravura**

#### **2.3.9.1 Objetivo**

Trazer ao aluno outra técnica de produção de gravura inspirada na xilogravura.

#### **2.3.9.2 Desenvolvimento**

Foi explicado aos alunos que essa técnica imita a xilogravura, mas utilizando o isopor no lugar da madeira. As placas foram desenhadas com ajuda de lápis com ponta grossa, depois, imantadas com tinta e pressionadas na folha de papel.

Foram orientados a dispor no isopor desenhos que os remetesse ao seu cotidiano, seu entorno, objetos, lugares, ou qualquer registro que fizesse parte de suas vidas, assim como Debret fez durante sua trajetória aqui no Brasil.

### **3 APLICAÇÃO DAS AULAS E RESULTADOS**

A teoria é necessária, é o embasamento do que se estuda, e se pesquisa. Ela fundamenta e norteia a aplicabilidade. Em Arte não é diferente, porém não deve-se deixar de enfatizar, o quanto os resultados de uma aula de arte bem planejada, pode trazer de prazer e satisfação tanto aos educadores quanto aos alunos. Esse capítulo demonstra uma sequência de 09 aulas que foram conduzidas a partir desse estudo. Cada uma delas traz um propósito diferente uma maneira de abrir o expressar do aluno, buscando a interação dele com os processos. Foram realizadas da forma mais espontânea possível, alunos puderam opinar, fazer suas escolhas, e assim construir suas produções com livre expressão. Vamos aos resultados:

#### **3.1 Aula 1 – Estudo teórico**

##### **3.1.1 Registros**

A pesquisa sobre a Missão Francesa e especificamente sobre Jean Baptiste Debret foi um momento de interação dos alunos com a história. O trabalho foi direcionado através da delimitação dos assuntos por perguntas objetivas como o que foi a Missão Francesa e a biografia de Debret.

A maioria dos alunos já tinha certa experiência com a internet e não demonstraram dificuldades em navegar por ela. Assim, pesquisaram e anotaram o que lhe fora pedido também acessaram imagens relacionadas ao tema, o que causou bastante euforia.



Figura 2 - Os alunos Sávio G.E. F. e Vitor Erick A. T.



Figura 3 - Os alunos Arthur M.B. e William G.C.J.

O trabalho de pesquisa foi realizado em grupo devido a limitação de computadores com acesso à internet, porém, o que deveria ter sido um entrave tornou o momento ainda mais valioso pois os alunos se ajudaram e trabalharam como uma verdadeira equipe.

Apropriar-se do contexto histórico e de informações valiosas sobre o artista foi o primeiro passos para que os alunos se integrassem ao projeto de arte e se vissem inseridos nele como parte atuante na sua construção.

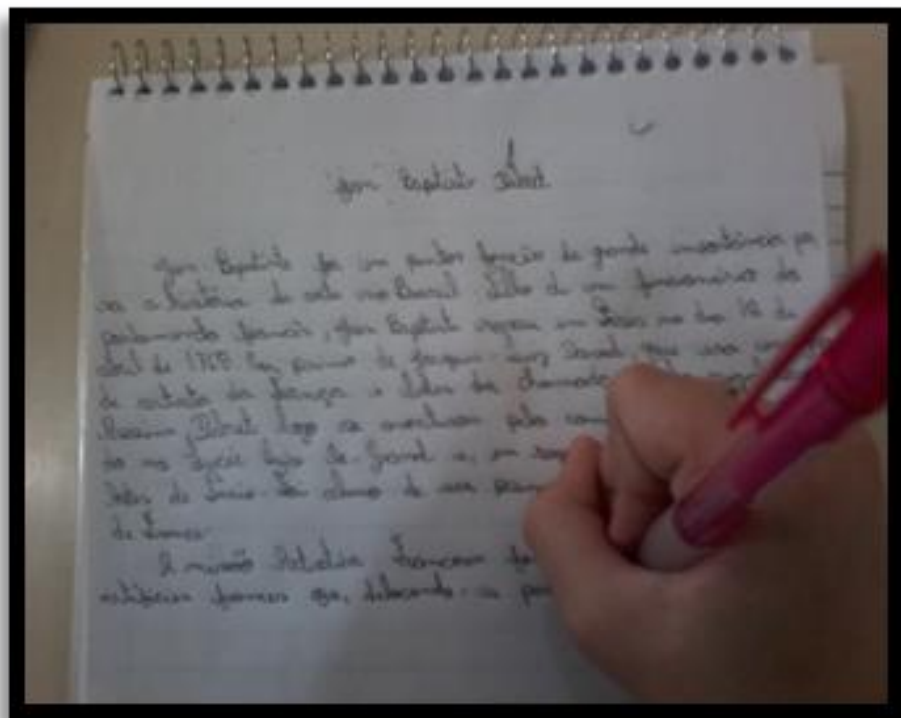


Figura 4 - Texto referente à pesquisa da aluna Lívia C.S.

A respeito da atividade, o aluno William G.C.J. (11 anos) afirmou:

“A pesquisa foi legal e difícil ao mesmo tempo. Foi muito bom trabalhar em grupo e descobrir tantas coisas novas”.

## 3.2 Aula 2 – Montagem de painel e debate

### 3.2.1 Registros

Partindo da motivação da classe após a pesquisa, foi montado o painel no pátio da escola onde foram expostos trechos importantes de suas descobertas sobre o artista e a Missão Francesa. Os grupos puderam selecionar as informações que consideraram relevantes, mas sempre direcionados com o objetivo de se construir uma breve linha do tempo.



Figura 5 - Painel com os resultados da pesquisa sobre a Missão Francesa e Debret, exposto no pátio da escola

Quanto às imagens, foram selecionados conforme sua expressividade e representatividade na visão das crianças. Elas procuraram colocar ali imagens que representassem os diversos segmentos das pinturas de Debret e que revelassem momentos distintos de seus registros. Os alunos observaram que o artista pintou de um modo especial a escravidão, momentos marcantes da história relacionados aos monarcas, as frutas, utensílios, armas, festas e casarios. Atentaram para as cores e traços usados pelo artista.

O trabalho foi apreciado pelos próprios alunos que se sentiram envaidecidos com esta exposição.

Na sala de aula, após uma avaliação que levou à reflexão, os alunos foram motivados e desafiados e resumiram suas descobertas e impressões sobre Debret em uma só palavra e, para tal montaram um segundo painel.



Figura 6 - Painel exposto em sala de aula com imagens de obras de Debret e as palavras escritas pelos alunos concluindo a atividade de pesquisa.

Foram muitos os que optaram pela palavra “escravidão”. Alguns foram atraídos pelas cores enquanto outros escolheram a palavra “artista”.

“Escolhi a palavra artista porque também quero ser um”. Jean F.L (11 anos).

### 3.3 Aula 3 – Apresentação do Livro sobre Arte

#### 3.3.1 Registros

A terceira aula foi um presente de um dos alunos. Realmente não fazia parte do planejamento inicial das atividades, até que, em um dia de troca de livros na biblioteca, o aluno Gustavo de F. A., adentrou à sala de aula com um olhar de satisfação e um sorriso digno de uma tela. Radiante disse: “Professora, olha o que eu encontrei na biblioteca”!

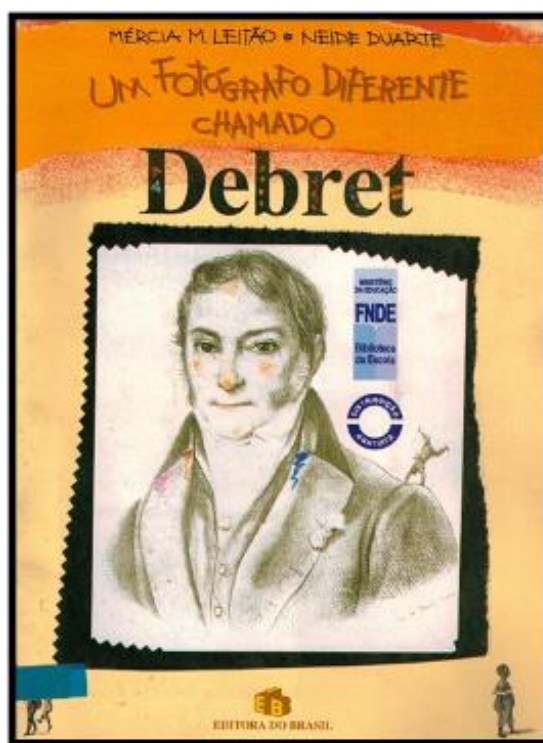


Figura 7 - Livro "Um fotógrafo diferente chamado Debret" - capa

Naquele momento percebeu-se que a semente lançada começava a brotar. Ao folhear o livro que desconhecia, foi feita a opção de fazer dele a próxima aula originada já do despertar do aluno para a Arte e sua descoberta.

O livro “Um fotógrafo diferente chamado Debret” conta a história de uma criança cujo pai era fotógrafo, descobre o artista através da relação que seu pai fazia entre os registros feitos por Debret e os seus registros fotográficos.

Foi realizada a leitura do livro para os alunos mostrando-lhe as imagens de cada página e chamando a atenção para cada detalhe. A forma como as comparações foram feitas pelas autoras chamou a atenção das crianças, como na comparação da pintura “Cena de carnaval” e a foto da criança brincando com a prima em fantasias carnavalescas. O “Debret Móvel” construído pelo personagem mirim foi um sucesso e mexeu com a imaginação dos alunos.



Figura 8 - Livro "Um fotógrafo diferente chamado Debret" , página 31

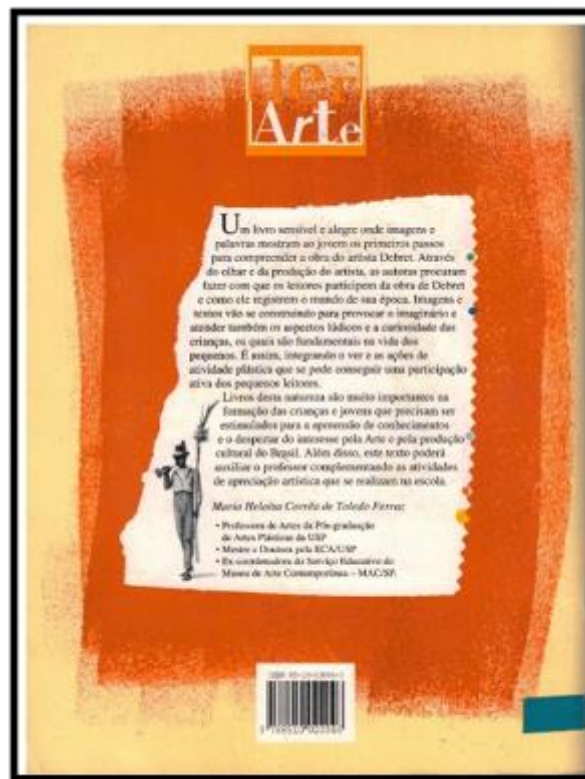


Figura 9 - Livro "Um fotógrafo diferente chamado Debret" - parte de trás da capa

Ali foram surgindo as ideias para os trabalhos que viriam e uma crescente expectativa pela realização dos mesmos. Perceberam que poderiam criar e recriar inspirados em Debret.

O momento foi propício para estimular os alunos e direcioná-los para as próximas aulas com questionamentos: “Se Debret pintou nossa terra, por que não pintarmos com ela”, “O cotidiano foi tema das obras do artista, o que temos para pintar em nosso dia a dia”, “Que técnicas foram usadas em seus trabalhos? Que técnicas podemos usar”.

### **3.4 Aula 4 – Possibilidades – Aula com vídeo sobre Helena da terra**

#### **3.4.1 Registros**

Em primeiro lugar foi exibido o vídeo sobre Helena da Terra (Vídeo: <https://arteterracor.wordpress.com/helena-da-terra/>) como forma de preparar os alunos para a aula prática de pintura com tintas naturais. O documentário sobre a artista plástica enriqueceu o trabalho e serviu de estímulo para os alunos que ouviram atentamente Helena contar sobre a sua relação com as Artes Plásticas.

Chamou a atenção de todos a beleza das obras. Encantaram-se diante das descobertas e pelo fato de poderem retirar da natureza os pigmentos com os quais produzirão. Assim, os olhares mudaram e em tudo viam a possibilidade de fazer uma tinta, de produzir cor.

Ao retornarem para a sala de aula, as ideias borbulhavam e os relatos de experiências foram surgindo. Uns lembraram da experiência na aula de ciências onde colocaram as folhas de molho no álcool e o líquido ficou bem verde. Outros relataram que às vezes usavam o carvão para desenharem no chão. Lembraram já terem visto uma sementinha vermelha que mancha as mãos, mas que não sabiam o nome.

Nos dias que se seguiram até a próxima aula de Arte, uma pergunta era inevitável: “com isso podemos fazer tinta”. E os materiais começaram a chegar de casa como o carvão, pó de café e até o urucum vindo da casa da avó.

Antes que qualquer tarefa fosse anunciada, os próprios alunos já estavam se organizando: “Eu trago a peneirinha”, “Na minha roça tem argila, posso trazer”, “Vou pedir para minha mãe o soquete de alho e o martelinho”.

### 3.5 Aula 5 – Em busca de materiais

#### 3.5.1 Registros

A busca por elementos da natureza para transformá-los em tinta foi um momento que certamente ficará gravado na mente das crianças por um bom tempo, senão para sempre. Foi uma verdadeira aventura e um momento de liberdade e descobertas. Caminharam pela rua da escola até uma residência onde havia uma árvore de urucum.



Figura 10 - Os alunos do 5º ano observando uma árvore de urucum

A maioria dos alunos não conhecia a planta nem os frutos. Como estavam altos, a ideia de recolher já havia sido descartada. Porém, o movimento na rua chamou a atenção de uma vizinha que veio até o grupo e ofereceu vários cachos de urucum que havia colhido dali há alguns dias.

O grupo voltou rumo à escola e seguiu a estrada que os levaria a um barranco. Ali os alunos coletaram terra, cal, pedra e levaram para a escola para iniciarem o preparo do material a ser usado nas pinturas.



Figura 11 - Os alunos do 5º ano em um terreno próximo à escola Paulo Barbosa



Figura 12 - Vitor Erick A. T. e Gabriel V. F. S. observando a cal antes da coleta



Figura 13 - Alunos do 5º ano preparando o urucum para fazerem a tinta

Sobre a experiência fora da sala de aula, Gabriel V.F. (11 anos) comentou: “Essa foi a melhor aula. Adoro quando a gente sai da escola”.

### **3.6 Aula 6 – Começam as pinturas**

#### **3.6.1 Registros**

Antes de iniciar a aula de pintura com as tintas naturais, a retomada: O que vamos pintar?

Debret pintou o que via em seu entorno, no seu dia a dia. Então, partindo desta ideia, as pinturas que serão feitas poderão estar bem próximas de cada um.

Foi sugerido que pintassem como se estivessem registrando um momento de suas vidas, um lugar preferido, um fato marcante, algo que lhes fosse especial.

A imaginação fluiu e os trabalhos foram surgindo. Pintaram cenas de rodeio, carros, a natureza, brincadeiras, pessoas, monumentos da cidade.



Figura 14 - Alunos do 5º ano pintando com as tintas naturais



Figura 15 - Alunos do 5º ano pintando com as tintas naturais



Figura 16 - Pinturas feitas pelos alunos do 5º ano com as tintas naturais



Figura 17 - Um carro de boi pintado com tinta natural pelo aluno Adriano J.R.J

Eram naquele momento um Debret pintando com os recursos da natureza. Demonstraram uma mistura de encantamento e alegria pela oportunidade de serem, naquele momento, o artista no seu momento mágico de criação.

### **3.7 Aula 7 – Conhecendo a monotipia**

Nos dias que antecederam a aula sobre monotipia, uma questão foi levantada: “Será que podemos produzir pinturas com outras técnicas diferentes, que não utilizem telas ou pincéis”.

Ouve resposta para o questionamento.

“Podemos pintar com esponja”, “Pintamos com os dedos”.

Assim, o vídeo sobre a técnica da monotipia e acabamento foi apresentado acessando a plataforma da UFMG no laboratório de informática da escola.

A técnica causou estranheza a princípio, pois não entenderam como daqueles borrões de tintas poderia surgir alguma imagem.

À medida que percebiam como as cores davam forma à imagem era possível se ouvir um “Oh, que legal”.

Os alunos ficaram bastante interessados no trabalho com a técnica inusitada. Mas, também receosos se conseguiriam aplicá-la porque era algo completamente novo e aparentemente difícil.

O acabamento também seria algo necessário, mas um pouco complicado.

Aplicar a monotipia foi realmente um desafio. Uma certa insegurança se uniu à expectativa quanto à aula prática.

Antes, os alunos deveriam passar por uma experiência prática que os levassem à compreensão do conceito de Monotipia.

### **3.8 Aula 8 – Fazendo monotipia conforme a técnica do vídeo**

#### **3.8.1 Registros**

Os materiais a serem usados na técnica foram apresentados novamente e foi explicado como a aula deveria transcorrer. Algumas das obras de Debret ganharam cores novas assim como as imagens escolhidas pelos alunos em revistas.

A escolha das cores foi livre. Cada um foi sobrepondo cor a cor conforme sua imaginação. Não se pode negar que os primeiros momentos foram de frustração por parte das crianças em um dos relatos “D. Juliana, não tem nada aqui”.

À medida que foram entendendo o processo, analisavam melhor cada movimento, a escolha das cores e força que seria necessária aplicar em cada movimento para variar o traço.

Ao final os alunos puderam perceber que há diferentes formas de se trabalhar com as cores e que, seja usando os pincéis ou simplesmente as mãos, pode-se fazer lindos trabalhos.



Figura 18 - Trabalho de monotipia usando obra de Ponte de Santa Ifigênia, 1827

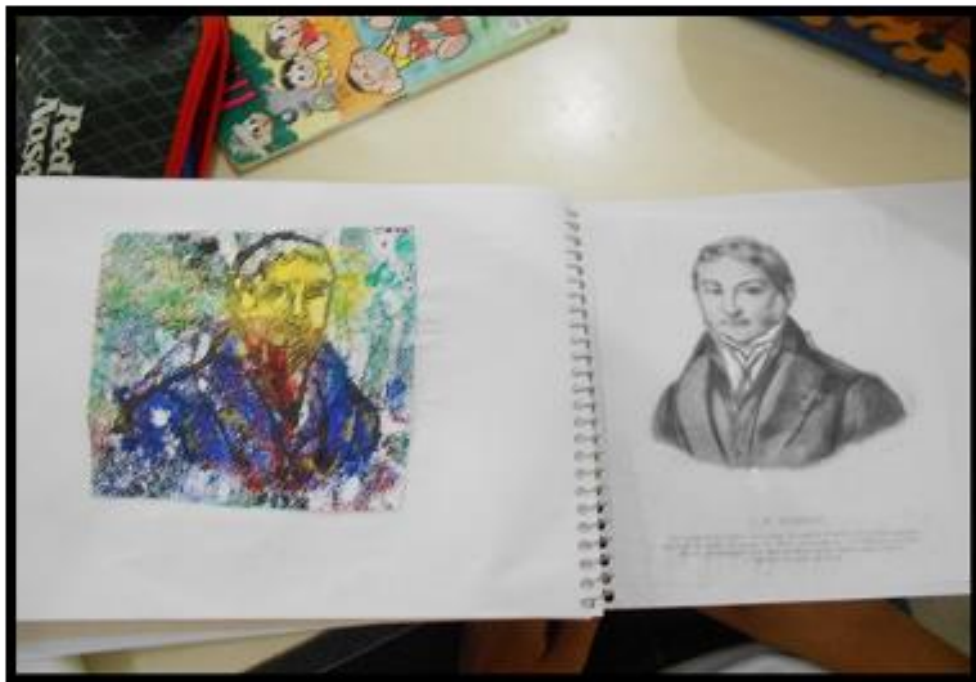


Figura 19 - Trabalho de monotipia usando a obra de Debret Auto-retrato, 1834



Figura 20 - Trabalho de monotipia usando a obra de Debret Paranaguá vista Sul a três léguas, 1827



Figura 21 - Trabalho de monotipia usando a obra de Debret, Negra tabuada vendendo caju, 1827



Figura 22 - Trabalho de monotipia com imagem da estátua símbolo da justiça, recorte de revista.

A aplicação de técnicas diferentes de pintura em sala de aula foi uma experiência muito gratificante e pode-se comprovar isto quando os alunos manifestaram interesse em repetir a aula e pediram para levar os trabalhos para mostrar para a família.

### **3.9 Aula 9 – Experimentando o Isopor-gravura**

#### **3.9.1 Registros**

Após o trabalho com a monotipia, os alunos puderam experimentar a pintura com o isopor. Foram estimulados a desenharem registrando o mundo ao seu redor como Jean Baptiste Debret fez durante os anos que percorreu nossas terras.

Surgiram então desenhos representando o Cristo Redentor, os pássaros, as montanhas, os meios de transporte, dentre outros.

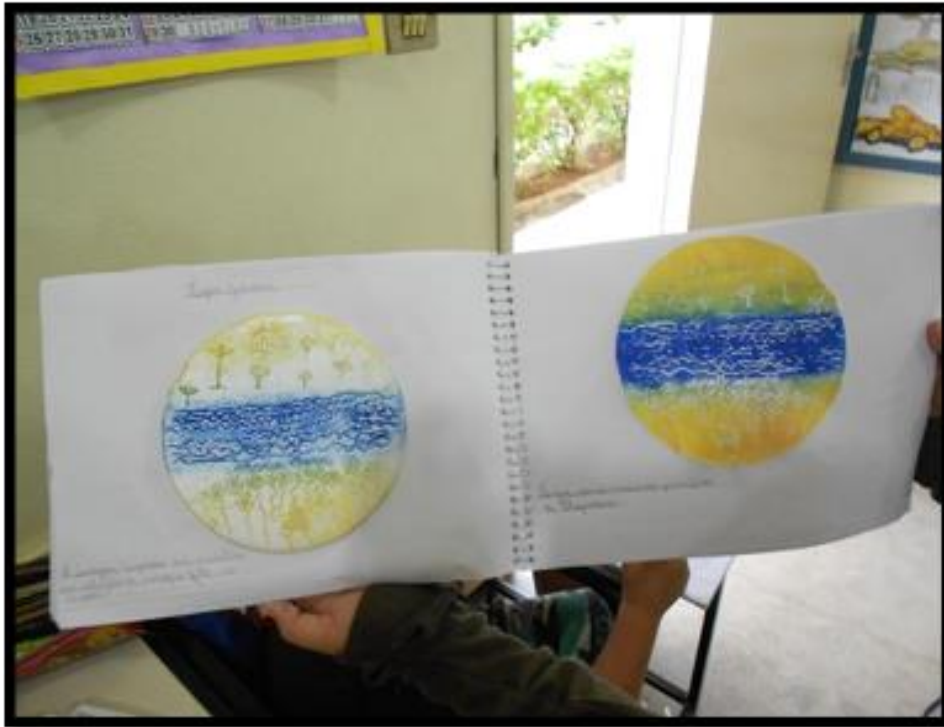


Figura 23 - Trabalho com a técnica de isopor gravura



Figura 24 - Trabalho com a técnica de isopor gravura



Figura 25 - Trabalho com a técnica de isopor gravura



Figura 26 - Trabalho com a técnica de isopor gravura

Os alunos se surpreenderam como o efeito do desenho impresso na folha. Rapidamente observaram que a imagem se invertia e que o isopor funcionava ali como um carimbo.

O trabalho foi empolgante. Os alunos quiseram trocar os moldes uns com os outros e variar as cores e muitos deles aplicaram a técnica também em casa, e cada pedacinho de isopor que antes era jogado no lixo agora era visto como matéria-prima valiosa.

A arte passou a ser vista e pensada pelos alunos de maneira diferente e hoje os conceitos formados extrapolam os tradicionais trabalhos feitos em sala de aula.

## CONCLUSÃO

A experiência realizada por meio desse curso e desse trabalho de pesquisa traz conclusões surpreendentes a respeito do educando e do educador de Arte.

Pode-se afirmar que a experiência realmente abre novos caminhos e possibilidades e que esse fato vem contribuir para as práticas pedagógicas de outros educadores de maneira muito positiva, pois traz o embasamento teórico de grande fundamentação advinda da escola de Belas Artes da UFMG aliada a prática simples e objetiva dentro do ambiente de sala de aula de forma verdadeira como pode-se comprovar.

Os alunos realmente deixaram acontecer os processos de “Experimentar, fruir e contextualizar” e puderam produzir Arte na aula de arte como comenta um dos alunos “como nunca tivemos uma aula assim de Arte de verdade”.

A importância da liberdade que esses alunos experimentaram tendo autonomia para produzir materiais e produzirem à sua maneira suas atividades, trouxe o subjetivismo junto à livre expressão e, portanto, os capacitou a terem “propriedade” sobre suas obras.

O resultado foi além do esperado, na sala de aula, na escola e além dela pois muitos pais foram despertados também pela Arte chegando a comparecer na escola para entenderem o que era o tal “Projeto de Arte” que estava tão comentado em casa e também pelo fato de seus filhos demonstrarem o interesse de continuar produzindo em casa as atividades e técnicas aprendidas.

Pode-se afirmar que foram momentos de experimentação, sujeira, prazer, satisfação, risadas, curiosidade, admiração, orgulho, autoestima, ingredientes estes que só pode-se concluir o quanto valeu à pena.

Quando se analisa a história da Arte, e principalmente a trajetória da Arte na História do Brasil, percebe-se o imenso percurso que foi caminhado desde a chegada da família real ao Brasil até os tempos de hoje.

A trajetória do Ensino da Arte também não foi diferente, passou através dos contextos sociais, políticos e culturais por diversas formas sendo interpretado de várias maneiras de acordo com as concepções dos educadores.

Todo o contexto artístico brasileiro e a formação da disciplina “Educação Artística” “Artes” e “Arte” foi influenciado e continuará sendo por contextos e linhas de pensamento de acordo com as transformações dos novos tempos.

Todas essas mudanças que ocorreram até agora pode nos dar uma dimensão do quanto os parâmetros atuais ainda podem ser mudados no futuro.

Não se trata de uma questão fechada, muito pelo contrário, tudo que lida diretamente com o ser humano, suas emoções, sua expressão sempre trará a subjetividade em primeiro plano. Essa característica é que torna o homem único em sua essência e responsável por sua história.

As concepções de Arte e ensino da Arte continuarão sendo revistas, inovadas, às vezes recicladas, reinventadas, e que ótimo que assim o seja, pois o homem também será revisto, inovado, reciclado e reinventado, porque se fosse diferente, o homem não seria o Homem e a Arte não seria Arte.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rosimeire Livro Didático de História do 5º ano. 3ª. São Paulo: Scipione, 2012.

AMARAL, A. A. **Artes Plásticas na Semana de 22**. São Paulo: Editora 34, 1998.

BARBOSA, A. M **John Dewey e o Ensino da Arte no Brasil**. 3ª ed. rev. e aum. São Paulo: Cortez, 2001.

BARBOSA, A. M. **Teoria e Prática da Educação Artística**. São Paulo: Cultrix, 1985.

BARBOSA, Késia Mendes. **A Sacralização da Arte e do Artista - seus mitos e desafios à prática docente em artes**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação, 2006.

BUENO, A. **Arte e História do Brasil**. Rio de Janeiro: Edições Fadel, 2008.

CAMPOFIORITO, Q. **A Pintura Remanescente da Colônia 1800-1830**. Coleção História da Pintura Brasileira no século XIX. Vol. 1. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1983.

COSTA, I. M. **O Ensino da Arte e a Cultura Popular**. São Luiz: Arte e Cultura, 2004.

ESCOLA MUNICIPAL PAULO BARBOSA. **Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Paulo Barbosa**. Formiga, 2015.

LEITÃO, M. M; DUARTE, N. **Um fotógrafo diferente chamado Debret**. São Paulo: Editora Brasil, 1997.

MARTINS, M. C. F. D.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. T. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa (org). **Curso de Especialização no Ensino de Artes Visuais: Metodologias do Ensino de Artes Visuais**. Belo Horizonte, MG: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008, v. I. 25-37

REIS, R. R. **Educação e Estética**: ensaios críticos sobre arte e formação humana no pós-modernismo. São Paulo: Cortez, 2005.

WIKIPEDIA;**Pedagogia Waldorf**. Disponível em:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedagogia\\_Waldorf](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedagogia_Waldorf) acesso 09 de Outubro de 2015. 20:34 horas.

WILLIAMS, D. **Culture Wars in Brazil. The First Vargas Regime, 1930-1945**-Durham –Londres. Duke University Press, 2001.